

## Imagens do Brasil: representações do Outro na poesia de P. K. Page e Elizabeth Bishop

Mestranda Luciana Hioka<sup>1</sup> (UFSC)

### Resumo:

*Este trabalho analisa as representações do Outro nos poemas “Brazilian Fazenda”, de P. K. Page, e “Under the Window: Ouro Preto”, de Elizabeth Bishop. Apesar de ambas as poetisas trazerem imagens do povo, história e cultura brasileiros de meados do século 20 através do seu olhar de estrangeiras, enquanto Page carrega uma visão um tanto mais romântica do Brasil, Bishop mostra seu conhecimento da realidade crua do país. Page nasceu na Inglaterra, foi criada no Canadá e morou no Brasil por não mais de três anos; enquanto Bishop era norte-americana, também morou no Canadá e permaneceu no Brasil por mais de quinze anos. Até Bishop, que morou aqui por tanto tempo e se apaixonou pela nossa cultura, ainda traz traços de estrangeira em sua poesia. Mesmo assim, nos poemas estudados por este trabalho, as poetisas diferem nas representações do povo, cultura e história brasileiros, refletidas na posição da persona poética em relação à realidade local, nas referências a imagens do povo e na posição política das escritoras.*

**Palavras-chave:** P. K. Page, Elizabeth Bishop, alteridade, imagens do Brasil, representações

### Introdução

Este trabalho analisa as representações do Outro nos poemas “Brazilian Fazenda”, escrito por P. K. Page, e “Under the Window: Ouro Preto”, de Elizabeth Bishop. Apesar de ambas as poetisas trazerem imagens do povo, história e cultura brasileiros de meados do século 20 através do seu olhar de estrangeiras, enquanto Page carrega uma visão um tanto mais romântica do Brasil, Bishop mostra seu conhecimento da realidade crua do país e acaba, através de sua escrita, por incitar reações politizadas. P. K. Page nasceu na Inglaterra, foi criada no Canadá e morou no Brasil por não mais de três anos, ao acompanhar seu marido diplomata; enquanto Bishop era norte-americana, também morou no Canadá e permaneceu no Brasil por mais de quinze anos. Até Bishop, que morou no Brasil por tanto tempo e se apaixonou pela nossa cultura (e também por Lota de Macedo Soares), ainda traz traços de escritora estrangeira em sua poesia. Mesmo assim, nos poemas estudados por este trabalho, as poetisas trazem várias diferenças nas representações do povo, cultura e história brasileiros, contrastes que são refletidos na posição física da persona poética em relação à realidade local, nas referências a imagens do povo brasileiro e na posição política das escritoras.

Para Juliane Trevisol, os poemas foram escritos por:

*these ‘tourist-poets’ who had also the pleasure of having Brazil as a home. Thus, by experiencing life in Brazil [...] Bishop and Page could bring into verse some of the most typical aspects of our culture and costumes. In this sense, to me, the images evoked by the poems are very telling; their visual strength truly depicts scenes (either to instigate a ‘positive’ or a ‘negative’ feeling) that are common to most of*

---

<sup>1</sup> **Luciana HIOKA, mestranda.**

Universidade Federal de Santa Catarina  
Programa de Pós-Graduação em Inglês (PPGI)  
e-mail: [lucianahioka@yahoo.com.br](mailto:lucianahioka@yahoo.com.br)

us. However, we must keep in mind that the perspective of the writer is that of a foreigner, even if there seems to be an attempt from them to 'feel like home' in here (TREVISOL 2008, p. 1)<sup>2</sup>

Ademais, Trevisol (2008, p. 2) defende que a mensagem que Bishop e Page trazem é a tentativa de representação da natureza paradoxal do Brasil e do Outro brasileiro. Os textos trazem o Brasil como um lugar que pode ser lindo mas às vezes também feio, que é um “*melting pot*” de raças, de harmonia e incongruência convividas todos os dias por grupos sociais desiguais, em que as minorias fazem de tudo para sobreviver—e, no final, apesar de todos os obstáculos, vivem uma existência feliz e têm fé (na Nossa Senhora e) em tempos melhores.

## Análise

No poema de P. K. Page, a persona poética se recorda da sua estada numa fazenda brasileira, e agora está em outro lugar, provavelmente no seu país natal. “Oh, deixe-me voltar em um dia”, ela diz (“*Oh, let me come back on a day*”, minha tradução). Esse fato já enfatiza sua posição como estrangeira. Ademais, até quando a persona se recorda da sua estada no Brasil, ela parece estar num universo paralelo, separada da realidade. Ela se lembra de estar deitada numa “rede nupcial / branca e trançada” (“*a bridal hammock / White and tasseled*”, minha tradução), o que é quase um clichê para um turista. Como se mostrando total indiferença, ela fica assobiando enquanto imagina os escravos sendo libertos da fazenda. Enquanto ela se recorda de tal evento, ela simplesmente observa o café amadurecendo, as vacas e seus bezerros, os pássaros em gaiolas, as flores, nada mais. Ela está tão indiferente à realidade que quer voltar para a fazenda num dia “quando nada de extraordinário acontece” (“*when nothing extraordinary happens*”, minha tradução), só para que ela possa admirar calmamente a casa da fazenda, um lugar que é também descrito como um clichê: rosa, com “pilares brancos como açúcar / e adornos de rendas pretas” (“*sugar-white pillars / and black lace grills*”, minha tradução).

É interessante notar que praticamente a única pessoa ativa no poema de Page é a própria persona poética. Ela se deita na rede e descreve a fazenda e seus devaneios sobre a libertação dos escravos. Ela diz: “**Eu** na rede nupcial” (“*I in a bridal hammock*”), “Oh deixe-**me** voltar” (“*Oh let me come back*”) e “Para que **eu** possa olhar” (“*So I can stare*”, minhas traduções e ênfases). No poema, há somente a menção de outros sujeitos, bastante breve, que seriam os escravos (quando eles são libertados) e o menino na capela, que carrega o buquê. Tal fato já talvez indique a visão subjetiva e imparcial da persona em relação ao Brasil e ao Outro brasileiro.

A persona no poema de Bishop é também posicionada como uma estrangeira, mas que está de alguma maneira bem mais perto da realidade do Brasil. Ela está na janela, observando as pessoas locais perto de uma bica d’água. Existe uma parede entre ela e a ação, e provavelmente alguma diferença em altura (já que ela está “*up the window*”, na janela em cima), portanto o seu ponto de vista físico é de uma *outsider*. Mesmo assim, ela parece estar bastante perto da ação, já que ela ouve as conversas e observa tudo claramente, como se fosse um ser onisciente. É quase o oposto do que ocorre em “Brazilian Fazenda”, já que a persona de P. K. Page está imersa no ambiente mas parece

---

<sup>2</sup> “Essas poetisas-turistas que tinham muito prazer em morar no Brasil. Ao experimentarem a vida no Brasil [...] Bishop e Page puderam trazer para o verso alguns dos aspectos mais típicos da nossa cultura e costumes. Nesse sentido, as imagens evocadas nos poemas dizem bastante; a sua força visual mostra cenas (seja para instigarem sentimentos “positivos” ou “negativos”) que são comuns para a maioria de nós [brasileiros]. Entretanto, temos que ter em mente que a perspectiva de ambas as escritoras é de estrangeiras, apesar de haver essa tentativa da parte delas de se sentirem em casa aqui” (minha tradução).

não pertencer àquele lugar e de fato estar fora daquele lugar, enquanto a persona de Bishop está posicionada atrás de uma parede, mas ainda interage com a ação.

Um outro aspecto que representa diferença em ambos os poemas são as referências das poetisas em relação do Brasil. P. K. Page se refere de certa forma a lugares-comuns que permeiam o universo (restrito) de turistas, enquanto Bishop parece exibir referências um tanto mais realísticas sobre o país. A primeira se refere à fazenda brasileira, com a casa rosa, a rede branca e a varanda larga; e um pouco sobre a natureza: os pássaros (apesar de estarem em gaiolas), flores campânulas e margaridas. As referências à economia do Brasil se restringem ao gado e às plantações de café. Ela também escreve sobre a Bahia, o ponto de referência brasileiro para turistas da época, e o catolicismo, representado pela igreja e por Nossa Senhora, também lugares-comuns no imaginário dos estrangeiros ao se referirem a países em desenvolvimento, especialmente à América do Sul. Finalmente, a referência histórica que ela usa é a abolição da escravidão, que é representada no poema como um evento quase mágico, bastante diferente do que de fato ocorreu, de acordo com a nossa historiografia.

A linguagem usada por P. K. Page é digna de nota, no entanto. Ela pincela o texto com algumas palavras em português, o que não precisaria fazer, já que é uma estrangeira escrevendo para uma audiência de fora. Já no título vemos esse recurso de mistura de línguas: “**Brazilian Fazenda**” (minha ênfase). Para Trevisol (2008, p. 3), a escolha da palavra “Fazenda” aproxima o texto da realidade do Brasil, na medida em que traz um pouco de “pimenta brasileira” (“*Brazilian spice*”, minha tradução). Para Camila Camilotti (2008, p. 3), tal recurso de usar palavras em português também aproxima o texto da nossa realidade.

Voltando à questão das referências ao Brasil, Bishop parece conhecer muito mais o Brasil do que Page (e provavelmente o conhece, já que ela morou aqui por muito mais tempo que Page e de fato tomou interesse em conhecer o país), ou pelo menos representa tal conhecimento em sua escrita. Primeiramente, ela sugere a importância de uma bica d’água para uma vila. Todos os brasileiros reconhecem que uma bica é, ou pelo menos era, até algumas décadas atrás, um lugar “onde todo o mundo pára” (“*where all the world stops*”, minha tradução). Uma bica não é apenas um local onde as pessoas da comunidade se abastecem de água para uso diário, mas também um ponto de encontro, onde as pessoas fofocam, expressam opiniões, dão esmola para pedintes, e até paqueram (por exemplo, com o “motorista galante” do caminhão velho no poema). Ademais, Bishop traz várias referências às vidas diárias das pessoas locais, às mulheres em vestidos vermelhos e sandálias de plástico, com suas mãos sujas, carregando bebês. Um menino carregando uma trouxa de roupas sobre a cabeça, e a conversa fiada que as pessoas locais fazem todos os dias—tais conversas que podem parecer um tanto *uncanny* para o leitor: como transístors podem ser considerados caros, ou como as pessoas se atrevem a comer, para o almoço, um pato que foi decapitado por um cachorro? No final das contas, quase todas, se não todas, as imagens e referências feitas pela poeta acabam evidenciando a pobreza do povo no Brasil.

Finalmente, existe bastante diferença na posição política das poetisas em relação ao Brasil. Isso é, na ausência de posição política no poema de P. K. Page em oposição à postura de Bishop, que pode até incitar protestos políticos. P. K. Page, apesar de não se posicionar politicamente no poema, toma uma decisão política na medida em que ela não fala sobre política. O silêncio é, muitas vezes, uma proferição também. A questão é que “Brazilian Fazenda” é um poema que traz uma visão um tanto romântica do Brasil, e isso é evidenciado na maneira com que ele descreve a abolição da escravidão numa fazenda em particular. A poeta entende tal evento como um grande acontecimento, fantasiando e glorificando-o. Ela descreve os escravos sendo libertados como um evento mágico, quando todos os escravos simultaneamente se livraram de suas correntes e tornozeleiras, quando o café amadureceu mas apesar de não haver ninguém para fazer a colheita—mesmo assim, ele parecia “tão feliz quanto o Natal” (“*as merry as Christmas*”, minha tradução), as vacas tiveram seus bezerros, os pássaros engaiolados cantaram por entre as campânulas, “bits”

caíram do céu e a capela da fazenda foi iluminada por um buquê de margaridas. Dá a entender que a princesa Isabel assinou a lei áurea e que de repente todos os escravos do país foram libertados para viver a vida como bem entendiam, e que o país estava particularmente alegre por causa disso.

A persona do poema de P. K. Page de fato não tem idéia, ou pelo menos nada expressa, do que de fato ocorreu no processo da abolição. Primeiramente, a princesa apenas assinou a lei áurea por causa de muita pressão que ocorreu no país, pressão também para o fim da monarquia (o que de fato ocorreu um ano depois). Em segundo lugar, os escravos não foram libertados imediatamente. A abolição demorou bastante tempo para ser aceita e praticada no país. O sistema de comunicações ainda era incipiente, então os donos de fazendas demoraram para receber as notícias. E eles demorariam muito mais tempo para de fato desistirem de seus escravos. Em terceiro lugar, a maioria dos escravos libertos não tinha para onde ir ou o que fazer depois da abolição: alguns permaneceram nas fazendas quase não mudando suas situações, enquanto outros foram para a cidade viver vidas difíceis, já que eles não tinham qualificação para trabalhar, nenhuma referência, casa, nada. Ademais, alguns clamam que a abolição ainda não aconteceu, mesmo nos tempos de hoje, já que ainda há muitos traços de escravidão atualmente. No interior, já fazendeiros que ainda mantêm escravos, não necessariamente negros. Ou pelo menos eles mantêm pessoas que são tão mal pagas que não podem pagar as compras na venda da fazenda e acabam contraindo grandes dívidas com os empregadores, que nunca os deixam ir embora da fazenda. E finalmente, um outro traço da escravidão, bastante significativo, é o racismo.

Discordo de Camila Camilotti (2008, p. 3) quando ela defende que o fato de a persona poética de P. K. Page estar deitada numa rede, numa grande varanda aberta, observando a natureza, representa a sua liberdade para imaginar o que ela descreve. Para Camilotti, só porque a persona imagina e descreve os fatos (de uma maneira um tanto romântica) não significaria que ela não sabe o que de fato aconteceu, ou que ela é ingênua. Para a autora (2008, p. 4), a persona sabe, sim, sobre a história brasileira e critica o problema social da discriminação racial “de uma forma irônica e discreta” (“*in an ironic and discreet way*”, minha tradução).

Continuo a defender que a persona de “Brazilian Fazenda” não tem idéia ou pelo menos nada expressa do que de fato foi o processo de abolição, e carrega, sim, uma visão um tanto romântica da história brasileira, o que pode ser um problema. A relação com a história é bastante importante na poesia, de acordo com Charles Simic, em seu ensaio crítico “*Notes of Poetry and History*”. Para Simic (1997, p. 126), a poesia não deve se ater apenas à forma, mas também ao conteúdo. Ele critica a pouca atenção que alguns poetas prestam ao ato de serem escritores conscientes. Ele escreve: “o poeta como qualquer um é parte da História, mas ele ou ela deve ser a parte consciente de tal história. Esse é o ideal” (“*the poet like anyone else is part of History, but he or she ought to be the conscious part. That’s the ideal*”, minha tradução).

Diferentemente do que prega Simic, a idealização da história brasileira e o ponto de vista (um tanto) subjetivo parecem ser constantes na obra de P. K. Page sobre o Brasil. Ao discutir o diário de viagem de Page *Brazilian Journal*, publicado em 1987 e escrito durante o período entre 1957 e 1959 em que a poeta acompanhou seu marido diplomata em missão no Brasil, Sandra Goulart de Almeida (2001, p. 102) defende que “muito pouco do Brasil como o conhecemos será [é] narrado e muito do olhar, definitivamente estrangeiro, estetizante, gendrado e aristocrático — da esposa de um diplomata e da artista canadense — irá emergir [emerge].” Goulart se refere, por exemplo, aos termos usados por Page para descrever os brasileiros, que são também lugares-comuns nos estudos de relatos de viagem de estrangeiros ao Brasil, “um eco fiel da carta de Caminha” do ano de 1500. Goulart (2001, p. 113) escreve que “para Page os brasileiros são doces, alegres, gentis, calorosos, expansivos, amigáveis, mas também, como nos relatos de encontros culturais, são descritos antagonicamente como sendo barulhentos, ignorantes, dramáticos, preguiçosos, desorganizados e atrasados”.

Ademais, a própria Page, em “*Questions and Imagens*”, ensaio publicado em 1969, uma década depois de sua estada no Brasil, reflete sobre a subjetividade das representações que ela fez do país: “*I wonder now if ‘Brazil’ would have happened wherever I was?*” (“Eu imagino agora se o Brasil teria acontecido onde quer que eu estivesse?”, *apud* ALMEIDA, 2001, p. 109). Mais tarde, em uma entrevista concedida em 1987, Page iria declarar: “*I think I had a vision of beauty when I was in Brazil. Something happened to my eyes that made everything I looked at seem to have a kind of remarkable radiance. Maybe it was just the tropics and sun, that endlessness of sun and heat. And, of course, it was beautiful*” (“Eu acho que eu tive uma visão de beleza quando eu estive no Brasil. Alguma coisa aconteceu com meus olhos que fez com que tudo o que eu olhasse tivesse um tipo de luminosidade notável. Talvez fosse os trópicos e o sol, aquele sol e calor infindáveis. E, claro, era muito bonito”, *apud* ALMEIDA, 2001, p. 110).

Acredito que se pode aplicar à análise do poema de Page o conceito de “*othering*”, postulado por Edward Said em seu livro *Orientalismo*, de 1978. Apesar de Said lidar primordialmente com as relações (eurocêtricas) entre o colonizador europeu e o Leste, é possível a apropriação deste conceito para o poema de Page. No texto, ao representar a alteridade (no caso, o Brasil) através de estereótipos, a poeta estava tentando construir a si mesma, e assim passa a reafirmar sua identidade como dominante.

Tal visão estereotipada (e orientalista) do Brasil, entretanto, não é compartilhada por Bishop. A poeta, mais consciente da realidade do Brasil, decide assumir uma visão política, da necessidade de representar o país como pobre e subalterno. Para Trevisol (2008, p. 4), Page “sabidamente” traz à tona questões econômicas, raciais e sociais do Brasil, como a pobreza, o baixo status social, a discriminação e as condições precárias de vida em geral, apesar de não se referir a esses problemas como abstrações, apenas trazer imagens que os representam. De fato, logo no início de “*Under the Window: Ouro Preto*”, Bishop fala das “pessoas invisíveis” (talvez uma alusão ao romance de Ralph Ellison *Invisible Man*, de 1952, que mostra a vida de um norte-americano descendente de africanos que se considera socialmente invisível por sua cor e status). Nesse caso, as pessoas invisíveis são os brasileiros, negros e pobres. Logo na primeira estrofe, ela descreve uma menina dizendo que quando sua mãe penteia o seu cabelo, dói. Isso provavelmente significa que é uma negra de cabelos crespos. Na segunda estrofe, Bishop menciona os “bebês quase invisíveis” (“*almost invisible babies*”, minha tradução), carregados pelas mães para a bica d’água. E na oitava estrofe, ela descreve um pequeno negrinho (“*a small black boy*”, minha tradução) que carrega uma trouxa de roupas sobre sua cabeça, e ele está quase invisível também, já que parece que a trouxa de roupas está flutuando “sozinha, a três pés acima do chão” (“*all on its own, three feet above the ground*”, minha tradução). Ademais, a persona do poema não se refere somente ao Outro brasileiro como invisível mas também como animal. Primeiramente, ela afirma que “burros concordam, e cachorros” (“*donkeys agree, and dogs*”, minha tradução), talvez querendo dizer que as pessoas que não contestam a sua situação são como animais também. Depois, na nona estrofe, ela diz que “seis burros vêm atrás da madrinha deles” (“*six donkeys come behind their grandmother*”, minha tradução), sendo que tal linha pode ser interpretada como se fossem seis crianças. Tais referências do Outro como animal também são definitivamente políticas.

Um outro aspecto do poema de Bishop que pode ser considerado político é a crítica dela em relação à remoção da bica d’água original, que foi levada para um museu. A bica foi simplesmente tomada do povo local, e tudo o que sobrou foi “um único cano” (“*a single iron pipe*”, minha tradução). A bica original foi, primeiramente, envernizada, o que pode ser um símbolo da modernidade, artificialidade e do consumo: ela ficou brilhante, mais atrativa, mais “pronta para o consumo”. E acabou sendo exposta num museu, lugar que é, pelo menos no Brasil, primariamente freqüentado por turistas, sobretudo os estrangeiros, especialmente numa cidade considerada como histórica como Ouro Preto.

Ademais, os caminhões do poema de Bishop são personificados, sendo que tal personificação tem uma função de denúncia política, para Trevisol:

*What could be assumed here, perhaps, is that this personification of the trucks (given by the use of metonymy) represents the superiority/domain that more developed countries impose upon 'inferior' ones; impositions that we, as Brazilians, do accept, like 'good subordinates' would do, but that we also reject and try to fight back or respond to. Thus, this paradoxal nature of accepting and at the same time resisting to domination is the image painted of Brazil, its people and culture in Bishop's poem (TREVISOL, 2008, p. 5)<sup>3</sup>*

De fato, no poema de Bishop, pode-se traçar um paralelo entre os caminhões e países dominantes em geral. O primeiro caminhão é novo, grande, moderno, estrangeiro (um Mercedes-Benz), com uma pintura bonita para “impressioná-los [os locais] todos” (“*to overawe them [the local people] all*”, minha tradução). O caminhão pode ser colocado em oposição à égua, mencionada na primeira estrofe, que pode representar o Brasil, já que está velha e com problema físico (um olho cego). Os países dominantes tiram vantagem do Brasil, assim como o motorista do caminhão e seu assistente lavam seus corpos, incluindo seus pés e sapatos, na bica d’água, onde os locais se abastecem de água para beber. O segundo caminhão, velho, também pode representar os países dominantes, só que depois de algum tempo: eles abusaram tanto do Brasil e tão claramente que eles já mostraram sua feiúra, um paralelo à poluição soltada pelo caminhão velho e o derramamento de óleo queimado perto da fonte. Um fato interessante é que, apesar de o caminhão velho ser uma presença indesejável, já que está poluindo o ambiente, ainda há alguma beleza nele: primeiro porque é dirigido por um homem galante, e segundo porque o óleo derramado, na medida em que ele se mistura com a água (muito vagarosamente, quase sem ser notado), adquire o bonito azul de uma borboleta. É como se em aparência, os países dominantes parecem ser bons, como se eles procurassem o melhor para países em desenvolvimento, mas no fundo eles poluem nosso ar e envenenam a nossa água.

Finalmente, Bishop de fato traz elementos que possibilitam a inferência de sua posição política quando ela diz que “sete eras de homens estão falando / e sujas e sedentas” (“*the seven ages of man are talkative / and soiled and thirsty*”, minha tradução). Acredito que esta seja a estrofe mais importante do poema. É como se ela dissesse que o povo brasileiro, desde a “descoberta” do país pelos europeus (o que somaria cerca de sete gerações), tem sido sujado por países dominantes; entretanto o povo está sedento agora, não apenas por água mas também por justiça e empoderamento.

## **Conclusão**

Os dois poemas são escritos por estrangeiras, portanto os olhares das poetisas serão sempre marcados por tal característica. Analisar a representação do Outro é sempre um processo bastante complexo, que envolve a identificação não somente do Outro mas também do próprio autor, sendo que tais identificações acabam, no texto, mostrando-se mutuamente constitutivas.

---

<sup>3</sup> “O que pode se presumir aqui [em relação aos caminhões] é que, talvez, essa personificação dos caminhões (dada pelo uso da metonímia) representa a superioridade/domínio que países mais desenvolvidos impõem sobre aqueles ‘inferiores’; imposições que nós, como brasileiros, aceitamos, como bons ‘subalternos’ aceitaríamos, mas que também tentamos rejeitar e lutar contra. Portanto, tal natureza paradoxal de aceitar e ao mesmo tempo resistir à dominação é a imagem pintada do Brasil, seu povo e cultura no poema de Bishop” (minha tradução).

Page é romântica, traz os estereótipos do Brasil, a abolição da escravidão como uma grande acontecimento, as plantações de café, a casa na fazenda com a grande varanda. Bishop é mais ácida, mostra as condições precárias, a crueza da vida de uma população ao redor de uma bica d'água. Acredito que ambos os retratos do Brasil trazidos pelas poetisas contribuem, de maneiras bastante diferentes, para a identificação do Outro, neste caso, do brasileiro, a partir do estrangeiro. É importante analisar as representações e os discursos produzidos não somente aqui no Brasil, mas lá fora também, sobre o nosso país, para que assim se possa entender melhor as representações da nossa realidade por si só e nossas relações com o estrangeiro.

## **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, Sandra R. G. O Brasil de P. K. Page: deslocamentos, olhares, viagens. **Interfaces Brasil / Canadá**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, 2001.

BISHOP, Elizabeth. **The Complete Poems 1927-1979**. New York: Noonday, 1983.

CAMILOTTI, Camila P. Brazil and its two portrayals: One in P. K. Page's "Brazilian Fazenda" and the other in Elizabeth Bishop's "Under the Window: Ouro Preto". Florianópolis, 4 p. Trabalho não publicado.

PAGE, P K. **Brazilian Journal**. Toronto: Lester & Orpen Dennys Limited, 1987.

\_\_\_\_\_. **The Hidden Room**: Collected Poems. Toronto: The Porcupine's Quill, 1987. 2 vols.

SAID, Edward. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SIMIC, Charles. **Orphan Factory**: Essays and Memoirs. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1997.

TREVISOL, Juliane R. "Under the Window: Ouro Preto" by E. Bishop and "Brazilian Fazenda" by P. K. Page: Different Poems Depicting the Same Brazil. Florianópolis, 8 p. Trabalho não publicado.